

No longo prazo, isolamento afeta menos o PIB

Recessão é mais severa inicialmente, mas custo social é menor com contenção, aponta modelo

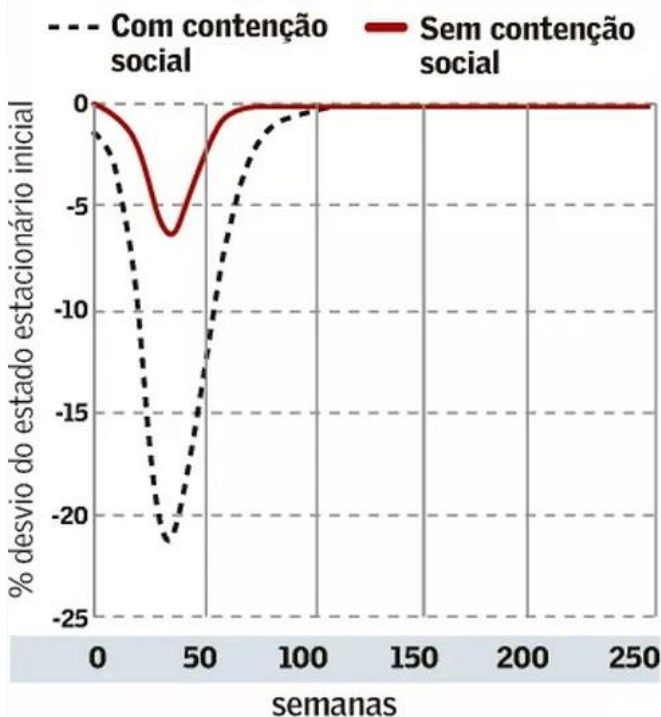
Por Ribamar Oliveira — De Brasília

20/04/2020 05h00 · Atualizado há 3 semanas

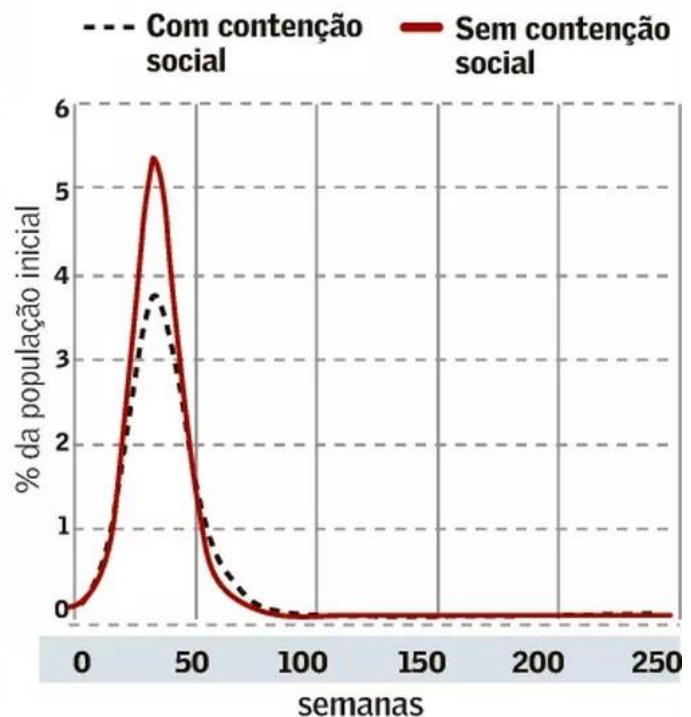
Curvas do coronavírus

Economistas projetam impacto da pandemia

Consumo agregado



Infectados



Fonte: gráficos elaborados pelos economistas Matheus Rabelo de Souza e Johann Soares

Na semana passada, foi apresentado o primeiro estudo de economistas brasileiros que utiliza um novo modelo macroeconômico para analisar, de forma integrada, a economia e

a epidemia do novo coronavírus. O objetivo do trabalho é dimensionar os efeitos do isolamento social sobre a infecção das pessoas e sobre o nível de atividade.

A conclusão a que os economistas Matheus Rabelo de Souza e Johann Soares, autores do trabalho, chegaram é que, no Brasil, uma contenção social ótima evitaria a morte de 50 mil pessoas, mas provocaria uma recessão 3,5 vezes pior do que se não houvesse contenção alguma. O estudo foi divulgado no momento em que divergências sobre a estratégia de enfrentamento da pandemia terminaram com a demissão de Luiz Henrique Mandetta do cargo de ministro da Saúde, defensor do isolamento social.

Apesar de o efeito do isolamento sobre a atividade econômica ser mais severo no curto prazo, o modelo utilizado pelos economistas indica que, no longo prazo, a contração do Produto Interno Bruto (PIB) seria menor, pois o número de horas trabalhadas cairia menos, 14,13%. A queda do número de horas trabalhadas sem contenção social seria maior, no longo prazo, estimada em 16,45%. “A ideia é que, fazendo a contenção social, menos gente morrerá e, assim, haverá mais trabalhadores no longo prazo compondo o lado da oferta”, explicou Matheus Rabelo.

No trabalho, os autores fizeram uma suposição de que 15% das pessoas infectadas pelo novo coronavírus serão casos graves e que a taxa de mortalidade seria de 0,3%.

No pico da infecção no cenário sem contenção social, o estudo estima que 5,4% da população estará com o vírus, com um total de 337 mil mortes. No cenário com contenção social ótima, o número de infectado será menor, correspondendo a 3,7% da população e 287 mil óbitos, uma redução de 50 mil mortes.

No cenário sem contenção social, os economistas estimam que o sistema de saúde brasileiro vai precisar de 1,7 milhão de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Com contenção social ótima, o número necessário de leitos em UTI cairá para 1,2 milhão, ou seja, 500 mil leitos a menos. Os autores observam que, em ambos os cenários, a situação será dramática, pois, segundo eles, o Brasil dispunha de apenas 50 mil leitos em UTI em janeiro deste ano.

O trabalho de Rabelo e Soares, intitulado “A macroeconomia das epidemias: resultados para o Brasil”, foi apresentado na quarta-feira passada, em um grupo de estudo de macroeconomia do mestrado e doutorado na Escola Brasileira de Economia e Finanças

(EPGE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do Rio de Janeiro. Rabelo é mestre em economia e Soares cursa o mestrado na EPGE.

Os autores propõem uma maneira macroeconômica de pensar a crise do novo coronavírus, utilizando a abordagem dos economistas Martin Eichenbaum, Sergio Rebelo e Mathias Trabandt (Working Paper, 2020), com parâmetros calibrados para a economia brasileira. Segundo Rabelo, a abordagem é uma combinação de um modelo macroeconômico tradicional com um modelo epidemiológico conhecido como SIR, na sigla em inglês, (Suscetíveis, Infectados, Recuperados, em português). Eles passaram a considerar que a contaminação não ocorre apenas de forma aleatória, mas em atividades relacionadas ao consumo e ao ambiente de trabalho. Desta forma, a propagação da infecção atua tanto como um choque de demanda quanto como um choque de oferta.

Dado que as pessoas podem se infectar ao fazer compras, elas reduzem o consumo para se proteger. Por outro lado, os indivíduos podem se infectar no ambiente de trabalho e, para evitar isso, eles reduzem as horas trabalhadas.

Os autores concluíram que a política de contenção social ótima é gradual e acompanha de perto a curva de infecção. No primeiro momento, quando não há muita gente infectada, o custo social de fazer contenção é muito maior que o benefício, analisam. “A contenção social ótima busca o equilíbrio entre perda econômica e perda de vidas”, explicou Rabelo”.